

Boletim RedINET-Brasil

www.etnomatematica.org

NESTA EDIÇÃO

Novidades

Matemática Humanista
no Prêmio Jabuti 2026

Defesa de memorial

Rogério Ferreira, um
andarilho interepistêmico

Eventos

10 anos da Comunidade
EtnoMatemáticas Brasis

Futuro ancestral

uma entrevista com
José Pedro



RedINET-Brasil

Equipe Editorial

Cordenação RedINET-Brasil
2024-2028.

Responsáveis por esta edição:

Jéssica Lins

Tiago Guedes



EDITORIAL

Querida comunidade RedINET-Brasil!

A 51ª edição do Boletim RedINET Brasil reúne notícias, eventos, entrevistas e reflexões que evidenciam a crescente capilarização da Etnomatemática em diferentes regiões do país, reafirmando o compromisso da Rede Internacional de Etnomatemática com a promoção de uma educação matemática humanista e socialmente referenciada.

Com alegria, destacamos dois importantes marcos nesse contexto: a promoção à Professor Titular do "andarilho interepistêmico" Rogério Ferreira, coordenador da regional Centro-Oeste da RedINET Brasil, narrando sua trajetória em defesa de uma universidade popular e uma matemática insurgente, e a indicação do livro Fazeres Matemáticos Humanistas ao Prêmio Jabuti Acadêmico 2026.

Celebramos com vocês essas conquistas!

Coordenação Nacional RedINET-Brasil.

NOVIDADES

O que temos de novo na RedINET e no mundo da etnomatemática

DEFESA DE MEMORIAL

A TRAVESSIA DE UM ANDARILHO INTEREPISTÊMICO: por uma universidade popular e uma matemática insurgente

No dia 19 de maio, **Rogério Ferreira**, coordenador da regional Centro-Oeste da RedINET Brasil, apresentou o Memorial Descritivo “A travessia de um andarilho interepistêmico: por uma universidade popular e uma matemática insurgente”, para promoção a **Professor Titular na Universidade de Brasília**. Participaram da Comissão Especial Avaliadora Marcelo Bizerril (UnB - Universidade de Brasília), Rosângela de Tugny (UFSB - Universidade Federal do Sul da Bahia), Wellington Cedro (UFG - Universidade Federal de Goiás) e Rodolfo Chaves (IFES - Instituto Federal do Espírito Santo).



“Eus”,
por Rogério Ferreira

A RedINET Brasil celebra com Rogério este momento “carregado de reflexões e emoção”, nas palavras do próprio educador.

Parabéns!

NOVIDADES

MATEMÁTICA HUMANISTA NO PRÊMIO JABUTI 2026

Com os seus estimados quase 80 anos de tradição, a **Câmara Brasileira do Livro** (CBL) realizará no ano de 2026 a 68ª edição da principal premiação literária brasileira. A premiação de autoria da CBL nesta trouxe algumas novidades importantes e mantém o reconhecimento de obras publicadas em 2025.



O **Prêmio Jabuti Acadêmico**, organizado pela Câmara Brasileira do Livro com apoio da Academia Brasileira de Ciências (ABC), Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) é uma distinção anual inédita para obras acadêmicas em língua portuguesa publicadas no Brasil. Focado em livros acadêmicos, científicos, técnicos, profissionais e didáticos nacionais, o prêmio possui dois eixos e 30 categorias. Seu objetivo é incentivar e reconhecer a excelência na produção acadêmica nacional, valorizando contribuições relevantes para o desenvolvimento científico, social, político e cultural do país.

A premiação contém duas homenagens: uma à Personalidade Acadêmica e outra a um Livro Acadêmico Clássico. Ambos serão selecionados pela curadoria e pela CBL, com o auxílio de **consulta popular** para a segunda homenagem.

Em destaque para essa edição para o livro **Fazeres Matemáticos Humanistas**, de **Carlos Mathias**, indicado ao prêmio.



A RedINET Brasil celebra esta importante conquista para a Educação Matemática!

NOVIDADES

GEPET E A PROMOÇÃO DOS DIREITOS DAS MULHERES

O Grupo de Estudos e Pesquisa Transdisciplinar em Etnomatemática para a Paz (GEPTEP), criado em dezembro de 2025, é um dos mais novos grupos com foco em Etnomatemática no Brasil. Certificado pela Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), é constituído por mulheres estudantes e professoras, do Nordeste e Norte brasileiros, que buscam inserir no ensino de Matemática o debate sobre questões sociais relevantes, como a promoção dos direitos das mulheres.



GEPTEP

Grupo de Estudos e Pesquisa Transdisciplinar
em Etnomatemática para a Paz

LÍDERES

Ana Priscila Sampaio Rebouças

Jocelma Santos dos Reis Pimentel

Em seu primeiro semestre de atuação, o GEPTEP desenvolveu o projeto de pesquisa "A formação inicial em Matemática e o compromisso social com os direitos das mulheres" e realizou a primeira Semana de Combate à Violência contra a Mulher na Educação Superior (SCVMES) na UFNT, em Araguaína, TO.

A SCVMES responde a uma demanda social atual que é a promoção dos direitos das mulheres. Desde 2021, a Lei de Diretrizes e Bases prevê a prevenção da violência contra a mulher nos currículos da educação básica, além de instituir a Semana Escolar de Combate à Violência contra a Mulher. No entanto, somente em 25 de março foi instituída uma portaria interministerial para aperfeiçoar as Diretrizes Curriculares Nacionais relativas à Educação Básica. No âmbito do GEPTEP acreditamos que essa discussão deve permear a formação docente para que os/as futuros/as professores/as compreendam a legislação vigente e estejam aptos a desenvolver práticas pedagógicas transdisciplinares que associam os conteúdos curriculares próprios de cada nível e modalidade da Educação Básica às demandas sociais, neste caso específico, a proteção de meninas e mulheres.



Contato: geptep.oficial@gmail.com

O QUE VEM POR AÍ

Eventos futuros, oportunidades, anúncios

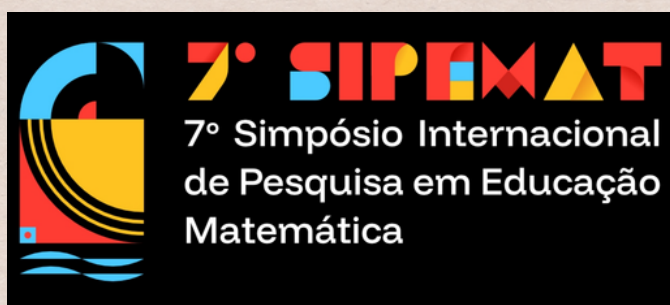
EVENTO

7º Simpósio Internacional de Pesquisa em Educação Matemática (7º SIPEMAT)

De 13 a 16 de outubro, o **Grupo de Pesquisa em Tecnologias e Educação Matemática (TEMA)**, vinculado à Universidade Federal de Alagoas (UFAL), promoverá o SIPEMAT - Simpósio Internacional de Pesquisa em Educação Matemática.

Ainda não submeteu trabalho? Corre que as **submissões estão abertas até 30/06**.

Clique no banner e confira as atualizações no site!



SIGA A ESCOLA DE MATEMÁTICA DA UNIRIO E ACOMPANHE TODAS AS PALESTRAS!



@emat-unirio



@escola_matematica

PALESTRA ONLINE

RedINET Brasil Nordeste e Sudeste juntas pensando a Formação Docente

No dia 17 de junho, às 16h30min, Prof. Ana Priscila Rebouças, coordenadora regional da RedINET Brasil Nordeste, apresenta a palestra **"Etnomatemática na Formação Inicial Docente"**, com mediação de Prof. Jéssica Lins, coordenadora da regional Sudeste.

A fala é parte do **Seminário Pesquisa & Prática!**, ciclo de palestras promovido pela Escola de Matemática da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), que busca promover a pesquisa científica nas áreas de Educação Matemática/Estatística e discutir práticas no ensino básico e superior. **Não perca!**

ANA PRISCILA REBOUÇAS (UFNT)

ETNOMATEMÁTICA NA FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE

17/06
16h30
(online)

<https://abre.ai/emat-palestra46>

UNIRIO ESCOLA DE MATEMÁTICA EMAT FAPERJ

O QUE VEM POR AÍ

Eventos futuros, oportunidades, anúncios

NOSSAS LIVES CONTINUAM!

II Seminário dos Grupos de Pesquisa da RedINET - Brasil

RedINET-Brasil e o Canal Matemática Humanista convidam para

II Seminário Grupos de pesquisa

25/04/2026

14/05/2026

25/08/2026

19/09/2026

RedINET Brasil

Trasmissão:
Canal Matemática Humanista

Continue acompanhando os encontros do II Seminário Grupos de Pesquisa, promovido pela RedINET-Brasil em parceria com o Canal Matemática Humanista, transmissão pelo Canal Matemática Humanista, no YouTube.

Uma programação pensada para fortalecer o diálogo entre grupos de pesquisa, compartilhar experiências e ampliar reflexões no campo da Etnomatemática.

Próximas edições: 25/ago e 19/set

VEm BRASIL 2026

Venha celebrar os 10 anos da Comunidade EtnoMatemaTicas Brasis

O VEm Brasil (Virtual Etnomatemática (Em) - Brasil) é um momento virtual para Etnomatemática, constituído de trabalhos e atividades, ao vivo e gravados.

O tema é único, **Etnomatemática**, abrangendo quaisquer perspectivas, contextos, interesses e modalidades de estudo e pesquisa.

Há duas modalidades de submissão: **Miniartigo** e **Miniartigo Multimodal**. A escolha é sua!

Clique no banner para saber mais!

VEm Brasil 2026

Virtual Etnomatemática (Em) - Brasil

Tudo junto num mesmo lugar!

ACESSE, INFORME-SE E PARTICIPE:

<https://forms.gle/ZkiKytHLpeePviMb7>

EtnoMatemaTicas Brasis

FORMULÁRIO PARA SUBMISSÕES / SUBMISSION FORM

Virtual Etnomatemática - Brasil 2026

Virtual Ethnomathematics - Brasil 2026

VEm Brasil 2026

X anos 2016-2026

Submissões até 15 de agosto de 2026

O QUE VEM POR AÍ

Eventos futuros, oportunidades, anúncios

OURO PRETO SEDIA O 30º EBRAPEM

O **30º Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-Graduação em Educação Matemática (30º EBRAPEM)** ocorrerá presencialmente na cidade de Ouro Preto (MG), nas dependências do Centro de Artes e Convenções da **Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)**. A organização está sendo realizada por discentes do mestrado e do doutorado acadêmicos do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática (PPGEDMAT/UFOP), com o apoio de docentes do próprio programa. O encontro ocorrerá nos dias **14, 15 e 16 de outubro de 2026** e terá como tema **“Três décadas de EBRAPEM: saberes que se encontram e caminhos que se ampliam no berço do Barroco Mineiro”**.

A escolha do tema busca, ao mesmo tempo, celebrar a trajetória do encontro e apontar para os caminhos que se abrem à Educação Matemática. Ao evocar saberes que se encontram, destaca-se a importância do diálogo entre diferentes perspectivas teóricas e metodológicas que vêm marcando o EBRAPEM ao longo de suas edições.

O EBRAPEM é concebido como um espaço no qual pós-graduandos(as) em Educação Matemática possam compartilhar experiências e saberes envolvidos na elaboração de projetos de pesquisa e em seus delineamentos teórico-metodológicos, bem como submeter seus próprios trabalhos a processos de crítica, reflexão e amadurecimento.

As inscrições do primeiro lote estão abertas até o dia 30/06.



FUTURO ANCESTRAL

RedINET conectando passado, presente e futuro

ENTREVISTA COM JOSÉ PEDRO MACHADO RIBEIRO

Por Andreia Lunkes Conrado e Rogerio Ferreira
Coordenadora Nacional e Coordenador da Região Centro-Oeste
Com a colaboração de Coordenadores das Regiões

Nesta edição do Boletim RedINET-Brasil, entrevistamos José Pedro Machado Ribeiro, professor do Instituto de Matemática e Estatística e da Licenciatura em Educação Intercultural da Universidade Federal de Goiás.

Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/1433861823493391>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9227-3908>



Rogerio Ferreira: É um grande prazer estar aqui para fazer essa entrevista com você. É uma grande oportunidade que eu e Andréia estamos tendo, porque a gente sabe o quanto a sua trajetória é significativa. Passando pela etnomatemática e pela formação de professores, em várias instâncias em contexto de diversidade. Então, sem mais delongas, eu queria agradecer muito, muito pela entrevista e queria iniciar o nosso bate-papo.

Zé Pedro, trazendo um pouquinho de você, eu tenho uma questão inicial. A gente sabe que a sua história de vida vem de uma ligação muito próxima com a vida no campo e, com o campo, transitando para a cidade. Então fala um pouquinho de você pra gente trazendo essa essência que está na raiz da sua trajetória.

José Pedro: Pois é, em poucas palavras vai ser difícil, mas eu vou tentar aqui, né? Muito obrigado pelo convite para poder conversar com vocês, nessa tarde maravilhosa de sexta-feira. E é sempre um prazer conversar com vocês e falar sobre minha trajetória de vida e um pouco do que eu fiz e ando fazendo.

Então, o primeiro ícone que eu gosto de colocar quando me perguntam, fazem uma pergunta desse jeito, “de onde eu vim” e “de onde eu me construí”, eu gosto de trazer um primeiro ponto. É que eu nasci no campo, no interior de Goiás, e nasci na zona rural, de parteira. Só para você ver e falar assim: “Tá velho né?” Tô, tô velho. Mas isso foi em 1969, né? Então eu venho carregando todo esse jeito sertanejo, esse jeito de lidar e de pensar do campo até hoje, mesmo com esse tempo vivido na capital, em outras localidades, de cidade grande. Mas essas coisas a gente traz com a gente, né? É tanto que, em aulas que a gente ministra, vinculado às questões indígenas ou até a questão do campo quando as pessoas fazem alguma referência, de situações do campo, parece tão próximo, e eu dou palpite em tudo, porque além de de ter vindo de lá, tem essa curiosidade de como funciona, de como lidar com as questões dos saberes e fazeres próprios do campo. E ele está, estão, impregnados em mim, né?

FUTURO ANCESTRAL

Então, foi a partir daí que eu nasci como pessoa e fui me construindo. E aí eu acabei vindo pra cidade grande quando eu fui cursar o curso superior de matemática no final da década de 80. E aí que muda um pouco o perfil, mas o jeito peão, sertanejo de falar continua, né? Isso a gente não tira não. E o jeito de pensar também. Essas coisas você não joga na lata de lixo e pronto, né? Essas coisas você carrega pra vida inteira, pra sua profissão, pra sua carreira, pro jeito de você pensar, de lidar com as pessoas e a gente não perde, né? E mesmo que tivesse chance de perder, eu realmente não gostaria, porque isso faz parte do que eu sou hoje. É isso.

Andreia Conrado: Nessa sua transição para a cidade, e a chegada na universidade, conta pra gente um pouco como é que foi essa inserção na área da educação, essa vinda pra cidade e sua inserção no ambiente acadêmico. Você tem uma trajetória que começa na matemática, na verdade, na matemática pura, e depois é que você vai para a educação, né? Conta pra gente como foi esse caminho.

José Pedro: É, então aí quando eu eu saio do campo e vou para uma cidade do interior que chama Itapuranga, que é uma cidade pequena aqui no Estado de Goiás, e nesse momento eu tenho muita gente da família na época, na década de 80, que bambambã era ser do Banco do Brasil, né? E aí tinha vários familiares que entraram no Banco Brasil e seguiam a carreira. E um dos meus irmãos entrou. Então nessa época tinha uma pressão em cima de mim para que eu prestasse o Banco do Brasil, o concurso do Banco do Brasil para ser bancário e tal. E eu falei: "Não, isso não quero, não quero isso". Eu quero estudar. Meu irmão já tinha

vindo aqui pra Goiânia cursar história. Não, eu quero ir para Goiânia e uma disciplina que eu gostava muito era matemática, né? Falei, vou fazer matemática.

Eu me lembro que quando eu era aluno da educação básica ainda, a gente até tinha algumas referências, por exemplo, sobre os Porque era só aqui em Goiânia que tinha o curso de matemática na época. Eu vou para Goiânia cursar o curso de matemática, que eu quero ser professor, inspirado num professor que eu tinha lá de física e matemática, que no meu ideário era o professor perfeito, né? Cujas formação era e é na área de agronomia. E hoje ele é historiador também... Então aí eu vim para Goiânia. Aí quando eu vim comecei a cursar, fazer o curso de matemática, mas com a pretensão de ser professor, né? Então eu não tinha outros objetivos, era ser professor. E ao fazer o curso de matemática eu fui uma das pessoas que fala: "Eu quero fazer bacharelado". E aí eu fiz, cursei o bacharelado aqui no UFG. Quando eu terminei o meu curso bacharelado em 1991, em 4 anos, fui direto para UnB fazer o mestrado em matemática pura. Lá eu fiz na área de álgebra, e aí foi tudo seguido. E a partir daí falei: "Nossa, a minha vontade de ser professor continua", e era ser professor de universidade, e tinha tornado isso uma coisa mais comum. Um sertanejo vindo lá do interior se tornar um professor de matemática no mestrado e tudo mais. E isso aí era um grande fato ocorrido, é tanto que na época praticamente não tinha mestre na cidade, né? E a partir daí eu me tornei professor, fui passando em concurso, e fui me formando professor. E sem ter essa formação que geralmente o licenciado tem, e eu fui me formando professor, então eu quebrei muito a cara com isso, né? Então não aconselho que façam isso de se

FUTURO ANCESTRAL

formar professor achando que só saber conteúdo é suficiente, né? Aí eu mudo um pouco o rumo, quando na época que eu conheci vocês, lá em no Congresso de Etnomatemática de 2000, foi quando que eu iniciei, já tinha começado um processo, mas foi aí que deu o pontapé para poder caminhar novos rumos além daquele que eu tinha feito, em termos formativos na matemática pura, né?

Andreia Conrado: Zé, só para conectar com a nossa próxima pergunta, é nesse contexto que você conhece o Rogério também, ainda dentro da UnB? Porque, como a gente sabe, vocês têm uma trajetória de parceria, e de longa amizade. Em que momento você encontra o Rogério? Como foi esse encontro entre vocês?

José Pedro: Foi, foi nesse contexto do mestrado. E eu, eu cursei o curso de matemática aqui em Goiânia e o Rogério cursou o curso de matemática lá no campus de Catalão, que era da UFG na época, e hoje é a Universidade de Catalão, UFCAT. Então aí, quando em 92 a gente inicia o mestrado na UnB, eu saí de Goiânia e vou para lá, e ele sai de Catalão e vai fazer o mestrado lá. Então, foi nesse momento de 92 que nos encontramos e aparece uma afinidade de pensamento, de fazeres, e aí construímos toda uma amizade aí de mais de 30 anos, mais de três décadas. Acho que é melhor falar em décadas do que anos, né? Porque parece que é menor, né? Durante esse processo do mestrado, de formação, é que nos tornamos amigos e parceiros de atividades, de trabalho. E no segundo momento foi quando, em termos de formação, foi quando a gente fez o doutorado na Faculdade de Educação da USP, que a gente foi contemporâneos, entramos na mesma época, saímos da mesma época do doutorado.

Mas por outro lado eu estou executando um currículo que ainda é eurocentrado. Isso nos causa ainda um desconforto. E nos faz perceber que ainda tem muito o que se fazer, especialmente em termos de pesquisa. Aqui em Rondônia, por exemplo, nós temos 54 povos indígenas. Nós temos alunos de 32 povos no nosso curso. E aí, quando eu olho para os materiais que a gente tem, materiais didáticos, nossos textos, não tem os saberes e fazeres desses povos contemplados nesses materiais. Primeiro, porque são povos de tradição oral, você não vai encontrar ainda, de fato, os registros escritos dos saberes-fazeres da maioria desses povos. E segundo, que ainda tem poucas pesquisas realizadas. Dá para contar nos dedos as pesquisas em Etnomatemática com povos indígenas em Rondônia. A gente percebe que tem muito ainda o que ser feito. Parte dessas pesquisas estão sendo feitas pelos próprios estudantes indígenas. Aqui no nosso curso, por exemplo, nós temos TCCs, trabalho de conclusão de curso, já realizados sobre saberes e fazeres matemáticos de alguns desses povos. Seis ou sete, talvez, já têm pesquisas de graduação realizadas. Mas ainda são pesquisas iniciais, tem muito que ser feito para que, de fato, isso se transforme depois em currículos, em materiais didáticos, repercuta diretamente na formação de novos pesquisadores, de mais professores e professoras na região. Tem muito que ser feito ainda, né? Eu acho que isso, inclusive, em toda a Amazônia. Falando da realidade de Rondônia, mas se a gente aumenta a escala para a Região Norte, para a Amazônia, de modo geral, eu percebo que o desafio é muito grande para a comunidade de pesquisadores em Etnomatemática.